

VALORES PARA A CONVIVÊNCIA INTRODUÇÃO

OS VALORES NA CONVIVÊNCIA

O ser humano é social por natureza e necessita dos demais desde o seu nascimento até o fim da vida. Os seres sociais não são completos se lhes falta a relação com os outros; sua dimensão grupal é básica para desenvolver-se completamente.

Na verdade, é impossível educar um ser humano fora deste âmbito, e, por este motivo, toda educação tem por fim, deve ter, criar hábitos que tornem possível viver em sociedade, aumentar seus benefícios, reduzir seus inconvenientes e colaborar com o progresso coletivo, para que todos e nós mesmos possamos tirar o máximo proveito.

A maioria dos valores está diretamente relacionada com a convivência. Dificilmente alguém pode duvidar de que desenvolver em nossos filhos o respeito às pessoas e às coisas, ensinar-lhes a dialogar corretamente ou a cooperar com os demais não resultará em proveito de uma vida mais pacífica, de maior satisfação e bem estar para a sociedade.

A EDUCAÇÃO DE VALORES COMEÇA EM CASA

Ainda que nestas últimas décadas tenha virado moda falar da educação de valores, o conceito é tão antigo quanto a própria educação. Nós, seres humanos, não podemos educar se não for por meio de valores, que não é outra coisa que mostrar aos nossos filhos o que, na nossa opinião, é "bom" e o que é "mau", o que "vale" e o que "não vale".

Sem entrar na questão básica da ética - por que algo é bom ou é mau -, podemos afirmar que, como educadores, o que queremos transmitir aos nossos filhos é que "isto o fará feliz e aquilo o fará infeliz". No fundo, só o que desejamos é que sejam felizes e, por isso, procuramos incliná-los para o que nos fez felizes, para o que acreditamos que, se o tivéssemos feito, nos teria feito felizes.

A transmissão dos valores deve começar desde muito cedo, e por isso o papel fundamental que exercemos como pais. Se somos educadores de verdade, convidaremos nossos filhos à felicidade respeitando sempre a sua liberdade.

A ESCALA DE VALORES

As escalas de valores Cada pessoa, cada família, cada grupo social, político ou religioso, estabelece a sua escala de valores. Para uns, a honra é mais importante que a vida; para outros, a ordem é mais que a estética, ou a criatividade artística prevalece sobre a convivência familiar. E é real e compreensível que prevaleça a vida sobre a carteira quando sofremos um assalto.

Ter uma escala de valores significa que estamos dispostos a sacrificar um valor que julgamos inferior para que outro superior se conserve. Que um prevaleça sobre outro é fruto da educação, do ambiente, da história, e até mesmo das circunstâncias do momento.

Múltiplos fatores influem na apreciação ou na depreciação dos valores individuais. Podemos admitir que todos estamos de acordo em que o bem é melhor do que o mal (quem se atreveria a dizer o contrário?), mas ao procurarmos estabelecer no que consiste o bem e no que consiste o mal, veremos a consideração de cada pessoa ou de cada grupo.

É necessário deixar duas ideias muito claras: a primeira, que não podemos impor aos demais a nossa escala de valores; e, a segunda, que necessitamos promovê-los em conjunto para que nossos filhos recebam uma educação equilibrada, sem hipertrofias que deformariam sua atitude positiva ante a sociedade. Apesar da conexão interna dos valores, alguns deles podem polarizar-se a ponto de perturbar

a harmonia do conjunto. Do mesmo modo que seria nocivo para a saúde abusar (dissemos abusar) de um tipo de alimento ou de esporte, ou de exercício, também seria prejudicial privilegiarmos um único valor em detrimento do conjunto, especialmente durante a formação da personalidade.

A QUEM SE DIRIGE?

Valores para a convivência quer ser um auxílio para todos os pais que se deparam com a difícil tarefa de educar seus filhos.

Também será útil para todas as pessoas que, nos ambientes familiar e escolar, são e se sentem educadores de crianças nas idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos.

Assim, quando no texto falamos em educadores, estamos nos referindo em primeiro lugar aos pais e, por extensão, a todo educador.

COMO E QUANDO UTILIZÁ-LO

A liberdade e a iniciativa de cada família serão o melhor método para utilizar o material que aqui está sendo oferecido. O fato de seguir uma ordem lógica na apresentação dos valores não pressupõe que, ao utilizar o livro, esta ordem deva ser seguida. Pode-se começar e continuar, pular ou deter-se nos valores que pareçam mais importantes. Pode-se mesclar, escolher material de diversos valores, pôr em prática determinadas atividades, sempre segundo a oportunidade e a necessidade.

Ninguém pode conhecer melhor que os pais os produtos mais adequados e as doses necessárias para a formação integral de seus filhos. Podemos buscar assessoria, consultar especialistas em educação, pedir conselhos a pedagogos e psicólogos, mas seremos nós quem decidiremos em última instância os objetivos e os métodos educativos em nossa casa. É uma responsabilidade enorme, mas é nossa responsabilidade.

Todos nós temos a oportunidade de pôr nosso filho no colo e contar-lhe uma história de vez em quando; todos temos aproveitado o momento privilegiado de deitar com nossos pequenos na cama para repetir-lhes cem vezes a mesma fábula e fazer comentários discretos, porém essenciais, que irão formar seu espírito. Ao seu lado, assistimos aos programas de televisão ou a um filme e fazemos uma reflexão simples com o objetivo de ressaltar um determinado valor.

Com o tempo, bastará uma alusão à história ou ao filme que já conhecem, ou à atividade que já realizaram, para recobrar a força educativa da qual já estão impregnados. Podemos evocar seu conteúdo com uma simples frase ou uma pergunta bem dirigida: "Você não acha que aconteceu com eles tal e qual a história da cigarra e da formiga?".

Em qualquer caso, as atividades aqui propostas poderão estimular a nossa criatividade e dar lugar a outras parecidas ou simplesmente inspiradas nelas. A criatividade... também é um valor fundamental para os educadores.

PORQUE ESTES VINTE VALORES E NÃO OUTROS?

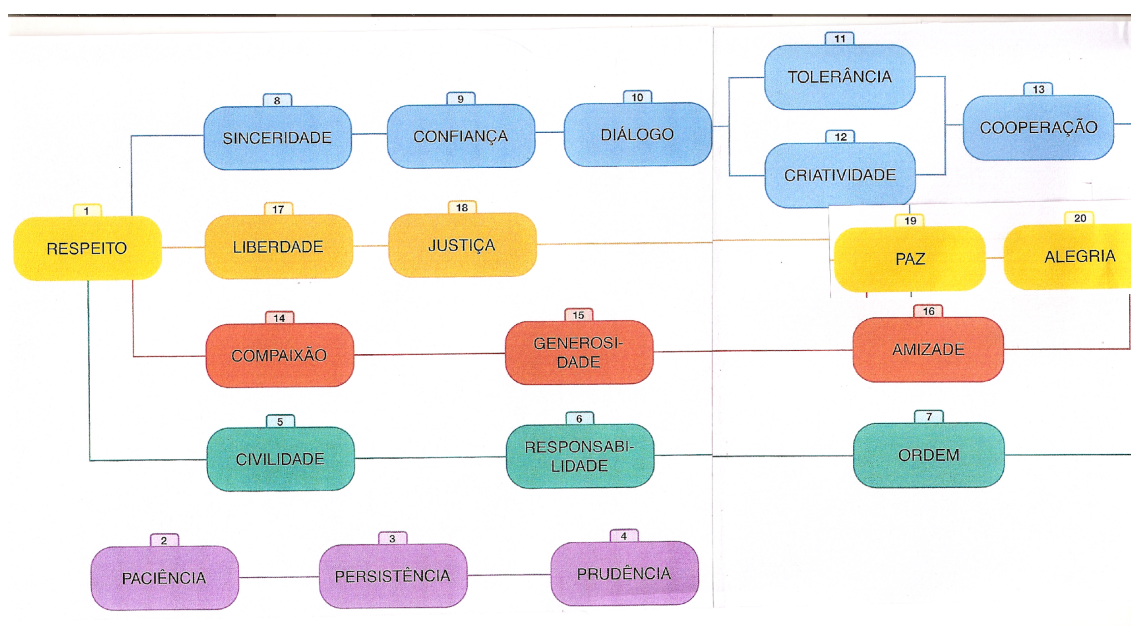
O motivo pelo qual selecionamos neste livro certos valores e não outros é resultado de um trabalho que realizamos durante seis anos entre profissionais da educação de diferentes centros escolares, níveis educativos e ambientes sociais. A priorização que quase oitocentos profissionais estabeleceram nos deu a melhor pauta para escolher os valores a que devíamos prestar atenção especial nesta obra.

Devemos admitir que qualquer seleção é sempre arriscada, principalmente quando incide sobre algo tão transcendental como a educação das crianças de nossa família e, por consequência, da sociedade. Escolher é renunciar, e renunciar é sempre uma atitude comprometida.

De todo modo, os valores humanos são entrelaçados entre si e fica difícil, se não impossível, distinguir onde termina um e começa o outro. Dito de outra maneira, não é fácil discernir se estamos educando para o diálogo ou para a paz ou para a justiça. É possível paz sem diálogo? Poderia existir paz à margem da justiça? A urbanidade não é um aspecto do respeito? A generosidade e a compaixão não seriam impossíveis sem a paciência? A criatividade e a confiança não estão na base da alegria? É concebível a amizade sem a sinceridade, ou a responsabilidade sem a prudência?

Contudo, sempre podemos trabalhar determinados matizes, nos centrando mais em um valor do que em outro. A constância possui elementos que depois poderemos aplicar aos demais valores; assim seremos constantes na amizade, na paz ou na tolerância, ou no valor que desejarmos. Para sorte dos educadores e dos educandos, se crescemos em um valor, crescemos nos demais, pois é a pessoa como um todo que se torna melhor. Não podemos ser mais tolerantes sem sermos, ao mesmo tempo, mais generosos, mais compassivos, mais abertos ao diálogo, mais respeitosos, enfim... melhores.

COMO SE ESTRUTURA O LIVRO?



A ordem na apresentação dos valores foi estabelecida segundo os ramos da "árvore dos valores" que apresentamos a seguir.

- Do tronco comum do respeito, valor que sempre ocupa um destacado primeiro lugar no nosso estudo citado, brotam diferentes ramos até chegarmos à convivência pacífica.

- Há três valores - paciência, persistência e prudência - que impregnam de equilíbrio, de consistência e de moderação todos os demais; sua ausência malograria qualquer valor e o converteria em uma caricatura. São como "valores adjetivos" para os demais.

- Um ramo formal, sólido, é a linha em que o respeito veste a roupagem social da civilidade, que amadurece na responsabilidade pessoalmente assumida e, através da ordem protetora, desemboca na convivência pacífica.

- Outro ramo, de manifestações mais exuberantes, é aquele que, com a condição da sinceridade, caminho seguro para a confiança em si mesmo e nos outros, possibilita o diálogo; este produz a tolerância enriquecedora e a criatividade inovadora. Com esses dois valores, geradores de cooperação eficaz, chega-se a uma paz construtiva.

- A seguir vem um ramo calidamente humano, que passa da compaixão dos sentimentos compartilhados para a generosidade, que pode conduzir à amizade, excelente plataforma para a convivência pacífica mais profundamente humana.

• O ramo axial dos valores que, de algum modo, sustentam todos os demais corresponde à liberdade, sempre condicionada e atenta às exigências da justiça.

• Finalmente, todos os ramos convergem para a convivência pacífica, que faz brotar o fruto da alegria.

Como uma árvore de Natal, poderíamos envolvê-la em uma cintilante fita prateada: "Trate os outros como quer que os outros tratem você".

CONTEÚDO DE CADA VALOR

Esclarecida a finalidade desta obra, em cada valor poderemos encontrar:

• Uma parte teórica suficiente para esclarecer as ideias básicas a respeito de cada valor. Trata-se de conceitos ou de definições, dirigidos aos educadores, para que eles possam enfocar a ação educativa de cada dia da forma mais correta possível.

• Textos literários que ilustram as características de cada valor. Podem ser fábulas, diálogos simples ou contos, que levam uma mensagem rudimentar, mas muito eficaz. Para este livro, reelaboramos alguns contos clássicos ou fábulas, criamos novas maneiras de narrar que ajudarão nossos pequenos a entender melhor a mensagem que queremos transmitir.

• Uma olhada nos antivalores nos certificará dos limites de cada valor e dos falsos conceitos que poderiam mascarar seu sentido autêntico.

• Uma seleção de frases de grandes pensadores nos dará a possibilidade de que nossos filhos possam aprender proposições que conseguem condensar em poucas palavras o pensamento acumulado e amadurecido ao longo dos séculos. Frequentemente estas frases célebres precisam ser explicadas; os mais velhos devem traduzi-las às situações da vida real com toda a riqueza de matizes que lhes faltam.

PARA ALÉM DA OBRA

Repetidas vezes fizemos alusão à conduta dos pais como elemento capital na educação. De pouco servirão as ideias teóricas claras, os arsenais de jogos e de contos, as frases com palavras brilhantes se não estamos convencidos de que o fator imprescindível e básico é o testemunho dos mais velhos da casa.

Não se trata de ficar dando lições ou passando sermões nos nossos filhos; isso poderia inclusive ser contraproducente. E certamente o será, se o que veem em casa não se encontra na linha educativa do que lhes ensinamos por palavras. A reflexão oral deve ser aquilo que esclarece o porquê de muitas atuações silenciosas; a reflexão oral dissipa a ambiguidade dos valores praticados, mas não pode substituí-los.

Nossos filhos são a soma de muitas parcelas; algumas delas estão em nossas mãos, mas a maioria não está. Os educadores devem ter consciência disso. A única coisa que podemos fazer é potencializar ao máximo nossa influência com o que, tradicionalmente, chamamos de "bom exemplo". O resultado final, gostemos ou não, ficará ao arbítrio da sua liberdade. Nós, educadores, temos a responsabilidade, ante nossos educandos e ante a sociedade, de levarmos adiante a educação, mas não podemos ser responsáveis pelos resultados obtidos. Não podemos esquecer que estamos educando seres livres, seres que deverão fazer sua própria síntese a partir dos elementos que lhes oferecemos ao longo de muitos anos. Nós responderemos pela nossa influência; eles responderão por seus atos.

Esteve Pujol i Pons
Licenciado em Filosofia e Magistério. Colaborador na Formação
Permanente do Professorado do ICE em várias universidades
da Catalunha (Espanha).